

Mídias Digitais e Infância: Cuidados para um uso consciente

Juliana Grasso¹

Nossa época é marcada por jogos de realidade aumentada, vídeos *on demand* e entretenimento ilimitado. Temos ao alcance de nossos dedos um mundo de possibilidades, que tanto facilitam nosso trabalho e nos aproximam das pessoas, quanto nos escravizam até 24 horas por dia e podem nos distanciar de quem está mais próximo de nós.

Desde a disseminação e massificação da internet e suas facilidades, nos vemos imersos em uma rede sem fim, e o que tempos atrás era limitado pela banda, pelo provedor ou pelo preço, hoje é praticamente livre e abundante. A maioria dos locais dispõe de internet sem fio para uso de clientes, e algumas cidades disponibilizam rede em locais públicos. Ou seja, o que antes era limitado por fatores externos hoje precisa ser limitado conscientemente por cada um de nós.

Ocorre que como crianças que se deparam com uma mesa de doces e guloseimas, nós adultos também estamos vidrados nos “doces” das telas que a tecnologia tem nos proporcionado, e tal qual crianças na mesa de doces, estamos com algumas dificuldades de saber quanto usar e o momento de parar, ou pelo menos de perceber que estamos “exagerando”.

Uma pesquisa desenvolvida em 2015 pela empresa AVG Technologies, que contou com a participação de mais de 6 mil pessoas (adultos e crianças de 8 a 13 anos) de diversos países, incluindo o Brasil, demonstrou que nossa forma de uso de smartphones já começa a trazer algumas consequências.

De um lado, mais de 50% das crianças entrevistadas acham que seus pais checam demasiadamente seus telefones, e sua maior queixa ocorre, pois, os pais se distraem com seus aparelhos durante conversas com os filhos, o que faz com que 32% deles não se sintam importantes para os pais. De outro lado temos 52% dos pais que concordam que seu padrão de uso de smartphone está de fato muito frequente e 28% destes, acreditam não estarem sendo bons exemplos quanto ao uso do telefone e para seus filhos.

Sabe-se que a melhor e mais eficiente forma de educar é por meio do exemplo, e talvez este esteja sendo o grande entrave quando falamos de uso consciente de tecnologia. Pais e adultos em geral passam mais horas em frente as telas de smartphones, tablets e computadores do que se dão conta. (É certo que tratamos aqui do “uso supérfluo”, como traz a literatura, e não o “uso essencial”, ou seja, aquele necessário para o desenvolvimento de atividade profissional, educacional, comunicação entre outros.)

¹Formada em Administração de Empresas pela Universidade Mackenzie, e em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. Graduada em Psicologia pela Universidade Anhembí Morumbi onde participa atualmente de uma pesquisa sobre uso de mídias sociais e qualidade de vida. Formada em Filosofia para Crianças e Educação para o Pensar pelo Prof. Dr. Marcos Antonio Lorieri. Ativista e multiplicadora do Ativismo Quântico pelo Instituto Goya e Center for Quantum Activism. Terapeuta Floral e Reiki.

A consciência quanto ao uso é o primeiro passo para uma mudança de atitude, e atualmente podemos observar um círculo vicioso.

Pais ocupados olhando para suas telas. Crianças estão ao redor falando, brincando ou comportando-se de maneira barulhenta ou mal-educada para chamar a atenção deste adulto.

Nada é mais eficiente e prático do que pegar uma segunda tela para distrair a criança! Mas pensemos. Se um adulto pode passar facilmente 4 horas por dia distraído em redes sociais, jogos ou aplicativos, se não atentarmos estamos deixando crianças menores de 7 anos as mesmas 4 horas diárias ou ainda mais tempo nesses aparelhos. Em que isso pode implicar?

A ciência nos traz o conhecimento quanto ao desenvolvimento mental, físico e cognitivo das crianças, inclusive o fato de que desde o ventre materno esse processo já é iniciado.

Durante a primeira infância ocorrem saltos de desenvolvimento e aprendizagem, período sensível para várias atividades, para a apropriação do seu corpo, das relações, do mundo. Quando observamos adultos cujos cérebros já estão “formados” mudando sua plasticidade cerebral e por vezes tornando-se dependentes de internet, preocupamo-nos.

Que consequências podem ocorrer quando ao invés do antigo pega-pega ou jogo da memória, hipnotizamos as crianças horas a fio limitadas a uma tela de poucas polegadas?

Algumas publicações já trazem a questão de crianças de 4 ou 5 anos que dominam o *touchscreen* das telas, mas não conseguem amarrar os sapatos. Ou ainda crianças de 9 ou 10 anos que por não terem (ou terem poucas) experiências de brincadeiras ao ar livre e interação com outras crianças tem dificuldades ou não conseguem chutar uma bola ou pular corda.

Em conversa com psicomotricista Laluna Albuquerque, ela chama atenção para a necessidade do brincar pela criança. “Na sala de espera do consultório, muitas vezes presenciamos os pais ligados ao celular, enquanto a criança está totalmente fora do angulo de prioridade deles.”

Isso também é reflexo de nossos tempos, onde o “esperar” por algo e cultivar algum tempo “ocioso” gera ansiedade e frustração. Se antes a criança tinha espaço, interação com outras crianças e tempo para testar, hoje optamos por cerrá-la entre quatro paredes.

E por que não dizer, hoje essas paredes foram substituídas pelas quatro retas das telas do smartphone ou *tablet*. A tecnologia trouxe uma série de benefícios para nossa sociedade inclusive para crianças. Se por um lado o uso excessivo e prolongado pode trazer danos, o uso estruturado de aplicativos e jogos nos meios escolares, por exemplo, são de grande ajuda e contribuem para o aprendizado. Pesquisas mostram que alguns jogos podem contribuir para o raciocínio lógico e desenvolvimento motor e cognitivo das crianças, desde que desenvolvidos para este fim, com foco claro, estruturado e uso limitado e consciente.

Retomemos o fato de que essas são as primeiras gerações nascidas em "ambiente virtual", sendo assim, pesquisas longitudinais ainda estão em andamento, e apenas com o passar do tempo teremos algumas respostas mais efetivas e embasadas. Por hora, cabe a cada um de nós, principalmente aqueles que cuidam, educam e trabalham com crianças, fazer uma profunda análise de seus próprios padrões de uso, para só assim, percebermos nossas fraquezas e com esse conhecimento fortalecer nossas crianças, quanto ao uso consciente e com propósitos que a tecnologia pode nos proporcionar.